

O DR. BERNARDINO MACHADO



O Dr. Bernardino Machado, discorrendo, ha dias, na Camara dos pares, sobre a nossa Instrucção publica, pronunciou um discurso que ficará como modelo de oratoria parlamentar. Tratando a questão em toda a sua profundidade, soube prender a attenção dos ouvintes por espaço de 3 horas.

O discurso do dr. Bernardino Machado distinguu-se, na forma e na essencia, da banal e balófia rhetorica de todos os *narizes de cera*, que diariamente escorrem e pingam no nosso parlamento.

Alguns livros



Cada vez ha menos quem faça litteratura, e cada vez decresce mais o publico, já de si escasso, que outra ora inda entretinha ocios na compulsa d'um livro portuguez. Que ha-de serl se o tempo é pouco para a faina da vida de negocio, e se todos nós substituímos o ideal, por um amanuensado? A obra d'arte nem sequer já passatempo é, nos raros ocios que o trabalho estúpido nos deixa, e não viverá muito quem não veja acabar entre nós os editores e as livrarias. Verdade seja que o mundo pouco perde, em concepções de genio, no dia em que o ultimo escriptor portuguez retire a Valle de Lobos; e é possível que o forço dispendido, com mediocre fortuna, a arcabouçar volumes de prosa e verso somníferos, dê maravilhas, applicando-se a outras fórmulas d'actividade, menos intellectuaes e mais prosaicas. Que valem então aqui e além, n'esta litteratura de morrinha, em que a lustrina é symbolo, e o Terreiro do Paço, Capitolio, que valem então os labores isolados d'alguns ingenuos crentes, que ninguem anima e ninguem escuta? Entre os mais desdenhados, n'este grupo de *gueleros* que pedem aos quatro ventos do país um canto de memoria, que lhes retenha o nome, são os poetas os mais injustamente postos no segredo. As queixas que exprimem, muitos, em lapidares estancios repastadas d'alma e suavidade, fazem encolher scepticamente os hombros dos leitores, que só se decidem a vêr no metro, uma especie de lamúria de pedintes, argumentando que o verso em geral não prova nada, e que na arte, como na vida, só a prosa é demonstrativa.

E' a razão porque eu sinto fecharem-se sobre livros de versos, que ha vinte annos seriam gostados como maravilhosas abstracções d'almas *d'elite*, campos de silencio, esmagadoras, e porque a vida dos trovadores é resumida e vã, como a das rozas. Ahi está por exemplo o LIVRO BRANCO, do sr. D. João de Castro, que folheado a correr, quanto m'o permittiram os instantes de *réverie* que na labuta d'um dia eu pude intercalar, me deixou a impressão d'uma coisa limpida, fugitiva de cambiantes, e bastante mente alada para se entrever no poeta, uma florente mocidade. Dou a

Consagração

- Entrego-te o meu livro:—é branco, porque veio da luz do meu amor reflectida em teu seio.
- Não tem dimanações de pedraria rara; tem uma alma de poeta—aromatica e clara.

«O teu olhar banhou-m'o. A luz da primavera
nectarisou-lhe o ardor n'um calix de chimera.

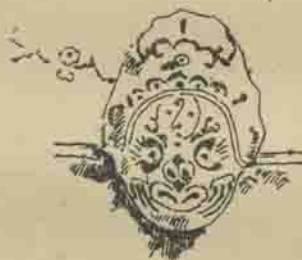
«Tracei o uma manhã, e não me lembro agora
se tu me deste a côr ou se m'a-deu a aurora.

«Mas sei, riso d'amor! que tudo quanto escrevo
é casto porque é teu, é teu porque t'o devo.

«Cada letra d'um verso a ti, é, um thesouro,
«Como esse olhar, um ninho escuro d'aguas d'oiro.

«Portanto aceita o livro E' n'elle que faula
«o luar nupcial do amor que nos vincula.

«Se alguém t'o disputar, oh meu sonho perfeito
«mostra-lhe o original que tens dentro do peito.



Alguma cousa, por Bartrina

E' um voluminho da *Bibliotheca universal antiga e moderna*, onde Fernandes Costa resumiu o melhor do originalissimo poeta catalão, n'uma versão que não poucas vezes egual, em correcção plastica e em viveza, as passagens melhores do original. Joaquim Bartrina, seguindo a informa critico—biographia com que Fernandes Costa introita o livro, é um dos numerosos casos de tuberculose lenta, espedaçando um artista, e espremendo-lhe da agonia, paginas de genio, escabujadas do delirante exaspero que caracteriza a arte dos que tecem febre. Tem logar marcado entre os originaes da poesia hespanhola, e o viver trinta annos apenas, e ter escripto n'uma lingua desconhecida, como a catalã, não lhe invalidou todavia a obra para a divulgação de quasi todas as litteraturas europeas. «E' o poeta da duvida, escreve o traductor portuguez, e nunca o poeta da negação.

E' frequente nos seus versos o *talvez*, frequentissimo até; nunca porem o poeta ousa pronunciar o terrivel *não*. E a duvida é, ainda assim, expressa em termos resignados, melancolicos, sem tragos de fêl.»

- «Sae um homem á rua e, por desgraça,
«Cae-lhe em cima uma pedra quando sae.
«Deixae-me, pois, que esta pergunta faça:
—Se cae a pedra quando o homem passa,
—Se passa o homem quando a pedra cae?

- «Resolvi-me problema tão profundo,
«E creci, resultado verdadeiro,
«Como sendo os dois quem rege o mundo:
«Na casualidade, se o primeiro,
«E na fatalidade, se o segundo.

Uma *intoux*, encantadora, é a seguinte :

«Sem agasalho nem dô,
«Em abandono profano,
«Cominhando chorando, só.
«Só!
«Sem um amigo no mundo.

«Levou-os a garra adunca
«Do tempo, e agora na vida
«Já sei que não volta nunca,
«Nunca!
«A dita uma vez perdida:

«Eis a sentença lavrada
«Da minha sorte futura;
«Não terei um pranto, nada,
«Nada!
«Sobre a minha sepultura.

E para findar este epigramma :

«O ultimo alchymista
«Depois de ter exausto o seu thesouro,
«Nova maneira achou de fazer ouro...
«Inventou o accionista»

Ao sr. Fernandes Costa, que sobre sensibilíssimo poeta, é um erudito também de séria enformatura, devem as letras portuguezas, entre os serviços melhores que o laborioso escriptor lhe tem prestado, algumas adaptações d'obras primas estrangeiras, realizadas com a elegancia alta de quem lhe repeza o merito, e com a profunda consciencia de quem faz d'esse trabalho, um caso de honra. Depois das suas traducções de Mark Twain, tão delicadas, e que deram voga, entre nós, ao humorista americano; depois do *Livro das Soledades*, radioso d'uma inspiração profunda da alma popular, que o seu cantante espirito foi sugar nas veigas andaluzas, ali vem agora o delicioso *recueil* de Bartrina, que como traducção não é bem traducção, mas o desdobramento d'um mesmo folego inspirativo, por dois espiritos gêmeos, e analogos de visão.

IRKAN



A CORRER

Vi ha pouco na travessa
Um sujeito pernillongo
Indo em busca a toda a pressa,
de *Sabonetes do Congo!*

Saboaria Victor Valssier, Paris.



COM ELLE OU SEM ELLE

O' tu, leitor, que petiscas
Petisqueiras todas bellas:
Se nas tabernas fariscas,
Sabes decerto que ha iscas
Com batatas—e sem ellas.

E não ignora ninguem,
Desde o pápa aos azemeis,
O preço que as iscas tem:
— Sem batatas, um vintem,
— Com batatas, trinta réis.

Essa differença de preço
Usada em tasqueiros coios,
— O' conquistas do progresso! —
Tambem teve agora ingresso
No serviço dos comboios!

Quem da Lisboa, muros intra,
De sair tiver a bolha,
Seja p'ra Bellas ou Cintra,
Quer nabábo, quer pelintra,
Terá preço á sua escolha.

D'Alcant'ra, em taes digressões,
Gasta a somma já sabida:
Mas paga mais dois tostões
Se, de ver, tem comichões
O buraco da Avenida!

E d'Alcantara no terreno,
Logo ao sair da esplanada,
Ha tambem o goso ameno
D'um buraco mais pequeno
— P'lo qual não se paga nada! —

Se se anda o mesmo circuito,
Ante o tal preço embasbaco!
— Tendo um buraco gratuito,
Francamente que acho muito
Dois tostões por um buraco!

E depois— se tal entendo,
Que me abra a tóla uma cantara! —
O da Avenida—estupendo! —
E' comprido, enorme, horrendo,
Comparado co' o d' Alcantara!

Isto posto, aqui declaro,
Acho este muito melhor...
E entretanto—ó caso raro! —
Tem de pagar-se mais caro
Porque o buraco é maior!

E, novamente isto posto,
Quer n'este ou n'outros terrenos,
Mais digo—em questões de imposto,
Pago mais—e com mais gosto—
P'los buracos mais pequenos...

Depois da millesima conferencia



Me
Augusto Bordallo Pinheiro

—O' meus ricos bemfeitoresinhos, tenham piedade d'este desgraçadinho, que está quasi sem ter onde cabir morto. Dêem-me uma esmollinha pelo Divino amor de Deus.

—Estes mendigos, *mylord*, são muito importunos, não acha? Dou-lhe esta ponta de charuto?

—Oh! Yess.

—Muito obrigadinho! Seja pelas cinco chagas de Nosso Senhor!

REINO DAS MULHERES

RUA DO CONDE



Souza Bastos e Carlos Cohen, um tradusindo e outro recortando o Reino das mulheres, fizeram uma das peças mais engraçadas que se tem visto nos nossos theatros. Ao proprio Valentim do Martinho lhe tem crescido o nariz, de desgosto, por ver a concorrência que o Reino das mulheres tem feito aos sorvetes do estabelecimento.

Barbara diz com graça, Carmen canta com mimo. Palacio tem um narizinho gaiato e Pepa reúne tudo. Diz com graça, canta com mimo, tem um narizinho gaiato e revella aos olhos dos espectadores uma plastica digna de tentar Santo Antônio.

Dias, Correia, Telmo e Setta merecem, com justiça, os applausos do publico. De resto, algumas carinhosas feias, algumas vezes frescas e muito pernil torré. E vamos, que já não é pouco, uma vez que não possa ser tudo.

O publico quasi que se esfaqueia para arranjar lugar!

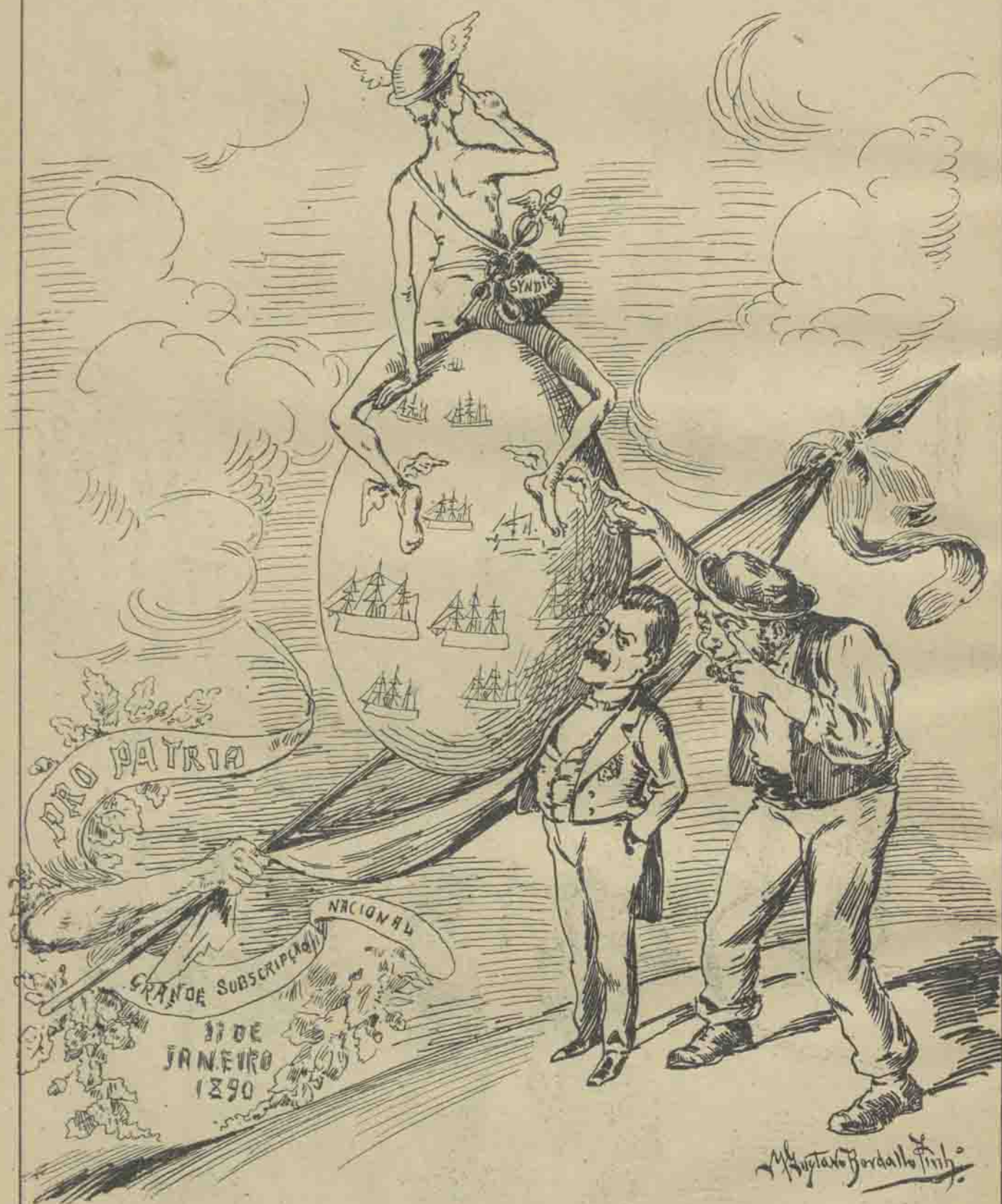
M. Augusto

THEATRO DA RUA DOS CONDES

Alguns croquis dos bonitos costumes do Reino das Mulheres.
Um bravo a Cohen!



O ôvo d'um syndicato



Ora aqui teem os senhores o grande ôvo d'um syndicato para fornecimento de navios ao Estado. Mercurio, que tem varias cabeças e varios estomagos, trata de chocar o ôvo. Por hoje só o apresentam de costas.

Se o ministro não faz de *Pae Paulino*, o Zé Povinho verá onde vae parar o producto da Subscrição nacional. Nós lhe faremos aqui operação da catarata.